

A FACE DA MORTE EM MEIO ÀS LUZES DA CIDADE: REFLEXÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE HOMICÍDIOS NA RAINHA DA BORBOREMA

Vanderlan Silva

UFCG

vanderlansilva@uol.com.br

Preparando o olhar para ver a face da morte

Este texto tem como propósito apresentar os resultados de uma pesquisa realizada durante os anos de 2010 e 2011 na qual coletamos e analisamos os dados dos homicídios ocorridos na cidade de Campina Grande nos anos de 2009 e 2010.

O Mapa da violência, importante referência na catalogação de homicídios nos últimos anos no Brasil, mostra na sua edição de 2010¹ que Campina Grande com uma taxa de 31 casos de homicídios por grupo de cem mil habitantes não aparece no quadro das trezentas cidades mais violentas do Brasil no período de 1997 a 2007. Segundo a publicação, a última cidade situada no Mapa é São Luis-MA, com uma taxa de 38,4 casos por grupo de referência. Paradoxalmente, embora a cidade não se configure como uma urbe “muito violenta” na citada publicação, o estado de medo ostentado por muitos moradores da cidade e os constantes relatos de amigos sobre a violência e os casos de mortes ocorridas na cidade, sobretudo a partir de 2009, começaram a chamar nossa atenção. Em parte, a percepção crescente de tal fenômeno por ser explicado por causa das alarmantes difusões jornalísticas de alguns veículos da imprensa campinense mostrando tal elevação. A partir disso, começamos a pensar o porquê de tal elevação nos casos de homicídios na cidade. Na sequência dessa preocupação, a aprovação de um projeto de pesquisa junto ao CNPq² fez com que passássemos a refletir de forma sistemática sobre esse aumento, procurando compreender além do significado de tal elevação, quais eram os principais indivíduos, grupos e categorias sociais envolvidos

¹ WAISELFSZ, J. J. **Mapa da Violência 2010**. Anatomia dos homicídios no Brasil, São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

² O projeto foi aprovado no quadro do PIBIC/CNPq/UFCG 2010-2011, contando com duas bolsistas de iniciação científica, sendo elas Carolina Albuquerque e Jhêssica Angell. O projeto foi intitulado “Dinâmica da violência e produção de homicídios em Campina Grande-PB”.

nas práticas homicidas. Além disso, procurávamos entender as circunstâncias sociais nas quais o fenômeno do homicídio se produzia na cidade.

A proposta metodológica pensada para a pesquisa procurou levar em consideração às especificidades do objeto que escolhemos. Diferentemente de outras abordagens em que se é possível trabalhar diretamente com fontes primárias, muitas vezes abordando diretamente e entrevistando os atores dos eventos, nesse caso, apresentava-se uma dupla dificuldade. Primeiro, por razões óbvias, não era possível entrevistar os mortos. Segundo, a possibilidade de conversar com os agressores pouco se mostrou pertinente, pois o primeiro obstáculo a ser superado era a identificação do réu e segundo localizá-lo e ter acesso a ele, bem como contar com sua espontânea disponibilidade de falar sobre situação quase sempre traumática e também comprometedora para os praticantes de crimes. A possibilidade de abordar tais atores se mostrou inviável, pois as dificuldades dos órgãos policiais, sobretudo da Polícia Civil em concluir os inquéritos e indicar os réus, tornaram essa via inacessível. Assim, resolvemos trabalhar com fontes secundárias, a saber, reportagens produzidas pelos matutinos Jornal da Paraíba e Diário da Borborema; laudos cadavéricos produzidos pelo Núcleo de Medicina Legal da Polícia Científica e com os dados dos Boletins de Ocorrências, conhecidos como BO's, produzidos pela Polícia Civil.

Os contatos com as instituições se fizeram inicialmente através de conversas e contatos telefônicos, ocasiões nas quais expomos aos responsáveis os propósitos de nossa pesquisa e a importância dos dados das respectivas instituições para o desenvolvimento da mesma. Em todos os casos, o acesso aos dados foi tornado possível sem maiores entraves burocrático.

Vencida essa etapa inicial, começamos a coleta dos dados pelos jornais, em seguida empreendemos a coleta junto aos laudos cadavéricos produzidos pelo Núcleo de Medicina Legal de Campina Grande, da Polícia Científica. Na etapa final desta fase, colhemos os dados dos Boletins de Ocorrência produzidos pelo Polícia Civil da Paraíba. Nos três casos, coletamos os dados disponíveis sobre os homicídios praticados no período coberto por nossa análise: 2009 e 2010. Para isso, lemos e tomamos notas das principais variáveis informadas nas reportagens, nos Laudos Tanatoscópicos e nos Boletins de Ocorrência, a partir do primeiro dia de 2009 até o último dia do ano de 2010, tais como: local, dia e horário do crime; cor da pele dos envolvidos; arma utilizada; local de moradia; idade; possível envolvimento com drogas; passagem pela

polícia e/ou condenações criminais; estado civil; grau de escolaridade. Vale ressaltar que no caso da obtenção dos dados presentes nos Boletins de Ocorrência, não chegamos a realizar a coleta dos dados na Sede da Polícia Civil, já que durante a coleta junto ao Núcleo de Medicina Legal, aproveitamos para realizar a coletas nos BO's que se encontravam anexados aos respectivos laudos. Igualmente relevante é ressaltar que a utilização de três fontes (jornalística, Medicina Lega e BO's) nos serviu para confrontar informações e em muitos casos complementar as informações de uma fonte com os dados disponíveis em outras. E ainda, embora as informações contidas nos jornais tenham nos ajudado durante a realização da pesquisa, ressalte-se que os BO's e em especial os Laudos Tanascópicos traziam informações bem mais detalhadas e precisas sobre as vítimas.

Levantando o véu sobre a face

A nossa análise se centrou nos anos de 2009 e 2010. Por trata-se de uma pesquisa cujo principal objetivo é iniciar jovens estudantes de graduação no campo da pesquisa, nós fizemos um recorte temporal que nos permitiu realizar todo o processo de pesquisa no prazo de um ano. Todavia, a escolha de tal período também se justifica pelo fato de que, a partir de 2009 o quadro de homicídios em Campina Grande começa a apresentar um crescimento preocupante. Até 2008 o quadro era de estabilidade nos números. Neste ano, Campina Grande teve um caso de homicídio a menos do que no ano de 2007. A partir de 2009, entretanto, começa-se a produzir um quadro de mortes homicidas que não só mostra a elevação no número de casos, mas, sobretudo chama atenção o fato desse acréscimo ter se produzido de maneira abrupta de um ano para outro. No ano de 2010, o número de mortes homicidas cresce de maneira vertiginosa, apontando para uma mudança no cenário dos conflitos e da violência interpessoal e por conseguinte na produção de homicídios. Os analistas sociais ainda não conseguem compreender com clareza o conjunto de variáveis sociais que operam na configuração dessa mudança. Se em 2007 nós tivemos 119 casos e em 2008 118, em 2009 assistimos uma elevação de 18% (dezoito por cento), chegando ao número de 140. Já em 2010, esse aumento foi ainda mais significativo, pois atingimos a marca de 187 casos, o que representa um aumento de 58% em relação aos anos de 2007 e 2008 e de 33% em relação a 2009.

Se no ano de 2007 a taxa de homicídios em Campina Grande era de 31 casos por grupos de cem mil habitantes, no ano de 2009 ela atinge 36 e chega a 48 em 2010. Talvez a comparação entre os anos de 2007 até 2010 produza a ilusão de que só a partir de 2009 é que Campina Grande se torna uma cidade violenta, o que não é verdadeiro. Já em 2007 nossa cidade ostentava uma taxa superior à média brasileira de 25,2 casos de homicídios por grupos de cem mil habitantes. E nunca é demais lembrar que a OMS (Organização Mundial de Saúde) considera taxas superiores a 10 casos por grupos de cem mil pessoas como quadro de violência epidêmica. Portanto, o que vemos se produzir a partir do ano de 2009 é um agravamento de um quadro que já se mostrava mais do que preocupante.

E por que esse quadro era e é preocupante? Certamente não há resposta fácil para tal questão, pois o homicídio se configura como uma etapa final de um conjunto de relações conflituosas e violentas entre indivíduos e/ou grupos, que dão cabo às suas diferenças fazendo uso da força física para impor aos seus inimigos ferimentos letais. Neste caso, a produção da morte não é fruto da força do acaso, mas resultado de processos sociais conflituosos nos quais disputas estão em jogo. E é nesse sentido que se torna possível se falar de “produção” de homicídios enquanto um fenômeno regular e socialmente produzido, que, como veremos, a partir dos dados de nossa pesquisa, atinge grupos e indivíduos de maneira desigual. Embora os conflitos existam por toda a parte, pois eles são resultados de desejos distintos e opostos (GIRARD, 2008), a violência se produz quando o uso de estratégias é empregado para levar o oponente a agir contra a sua própria vontade (FREUND, 1983). Assim, a violência no sentido aqui tomado, não se reduz ao uso da força física, embora essa forma de expressão constitua uma dimensão importante. O uso da violência (estratégias) agrega a possibilidade do uso de elementos simbólicos que funcionam como vetores dos valores sociais, capazes de conduzir os indivíduos pelos mais variados trajetos sociais, inclusive por aqueles que são distintos de seus desejos. O homicídio congrega em um evento o uso da força física que domina e aniquila a vítima e a destruição daquilo que é a um só tempo o patrimônio material e simbólico de maior valia: a vida. Certamente por isso, como nos afirma o sociólogo francês, ele nos afeta tanto, pois “cristaliza nosso medo da morte” (MICHAUD, 2001, pg.). De fato, o crime de homicídio anuncia e cristaliza o fim de uma trajetória; ele acaba com a existência de indivíduos e na maioria dos casos prenuncia sofrimento para amigos e familiares. Essas são algumas das razões que tornam o evento do homicídio

tão relevante socialmente e ao mesmo tempo coloca para os cientistas sociais o desafio de pensar a sua produção, regularidades, consequências, grupos e indivíduos envolvidos direta e indiretamente na produção de tal fenômeno social.

No Brasil, de acordo com os dados do Mapa da Violência 2010, nós vivíamos já em meados da década passada um paradoxo no que se refere à produção de homicídios. Em outras palavras, enquanto as taxas nacionais eram de 25,2 casos por grupos de cem mil habitantes (já são consideradas bastantes elevadas), as principais metrópoles brasileiras começaram a ver os seus índices baixarem, ao passo que muitas cidades de médio e pequeno porte começaram a viver um processo inverso. Vale destacar que a citada publicação elenca trezentas cidades que já se encontravam bem acima da média nacional durante o ano de 2007. No caso específico da cidade foco deste trabalho, embora ela não figurasse entre essas trezentas, ela também já se encontrava acima da média nacional. Nos últimos anos esse quadro se radicalizou ainda mais. As taxas nacionais caíram para 22,7³ ao passo que no mesmo ano Campina Grande alcançou a taxa de 36 casos para grupos de cem mil pessoas. E, como vimos, no ano de 2010 a cidade atingiu 48 casos por grupo de referência. O estudo da ONU mostra ainda que a cidade de São Paulo apresenta taxas abaixo de 10 casos por grupos de cem mil habitantes, enquanto o Rio de Janeiro ostenta taxas que giram em torno de 35 casos, mesmo assim, observou-se uma tendência de queda na capital fluminense, diferentemente do que ocorre em Campina Grande.

Ainda não existem estudos aprofundados sobre o porquê desse processo de inversão migratória dos homicídios no Brasil, sobretudo na última década. Contudo, duas hipóteses se apresentam com muita força de explicação. Primeiro, as regiões mais pobres da federação, Norte e Nordeste, especialmente esta última, têm alcançado índices de desenvolvimento econômico acima da média nacional, o que pode ter implicado em um acirramento de disputas entre indivíduos e/ou grupos na busca por melhores condições de vida. Parte dessas mortes pode estar diretamente vinculada ao mundo da criminalidade, como sugerem dados policiais, especialmente ao aumento do consumo de drogas, com todas as consequências deste mercado, bem como de outras formas de ilicitudes praticadas na região. A segunda hipótese aponta para um melhor

³ Os dados constam em um relatório produzido pela ONU: GLOBAL STUDY ON HOMICIDE. Disponível em http://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/statistics/Homicide/Globa_study_on_homicide_2011_web.pdf. Acessado em 30 de outubro de 2011.

aparelhamento das forças policiais e, por conseguinte uma maior repressão ao crime organizado nas principais regiões metropolitanas do Brasil, o que teria contribuído para a diminuição nos índices de homicídio “nessas regiões” e para a conseguinte migração de algumas formas de criminalidade para outras regiões, notadamente para o Nordeste. Exemplo disso é que Pernambuco viu as taxas de homicídios se reduzirem nos últimos anos graças à sua inclusão no Pronasci⁴. Entre as ações desenvolvidas naquele estado, consta o pagamento de bônus aos policiais militares a cada seis meses, caso eles consigam reduzir os números de homicídios em suas respectivas circunscrições. Em média um policial recebe R\$ 4.000,00 de bônus a cada semestre.

A pesquisa desenvolvida em Campina Grande mostra que o aumento de homicídios na cidade nos últimos anos aumentou de maneira alarmante. Nos anos investigados por nossa pesquisa, tivemos 327 casos, sendo 140 em 2009 e 187 em 2010. O que mais chama atenção nos dados colhidos é que os homicídios atingem grupos sociais e indivíduos de maneira distinta e desigual. Alguns grupos sociais aparecem de forma constante nos dados, enquanto outros surgem de modo esporádico e alguns outros estão ausentes de tais estatísticas. Dito de outro modo, os homicídios produzidos em Campina durante o biênio contemplado revelam que enquanto uma forma de violência, o homicídio parece se agregar a outras expressões de violências e de injustiças que atingem os segmentos mais pobres, pois a maioria das vítimas é oriunda desses segmentos.

Durante o último ano da década passada, dos 140 casos investigados, 92 mortos tinham entre 16 e 29 anos, podendo ser considerados jovens, de acordo com a referência da Secretaria Nacional de Juventude, que inclui aí jovens adultos. No tocante à categoria raça, pensada aqui como uma categoria de auto-atribuição, ou mais especificamente atribuição por parte dos legistas, vemos que dos 76% de vítimas que tiveram a cor de suas peles assentadas sobre os laudos, 97% delas figuravam como negras. O percentual pode ser chocante, mas não representa nenhuma novidade no cenário paraibano. Em 2010 o Mapa da Violência já trazia números que mostravam que para cada 2 brancos assassinados na Paraíba, 32 negros eram mortos. No que se refere ao sexo das vítimas, 92% delas era do sexo masculino. Isso pode ser explicado pelo fato

⁴ Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania, do Governo Federal, criado em 200, que visa entre outros propósitos reduzir as taxas de homicídios para 12 casos por grupo de cem mil habitantes. O programa já investiu mais de 6 bilhões de reais em ações de prevenção e combate à criminalidade, entre outros.

de que os homens ainda continuam mais presentes na esfera das relações públicas e, sobretudo que suas relações de sociabilidade privilegiam a força física como instrumento largamente utilizado na resolução de conflitos.

Das vítimas de homicídios em 2009, 69% tiveram o grau de escolaridade identificado, nesse universo, nada menos do que 83% não tinham sequer concluído o ensino fundamental. Talvez, como muitos autores, pudéssemos associar a violência homicida à pobreza e aos baixos índices de escolaridade. E essa não pode ser uma hipótese descartada a priori. Todavia, é preciso que se aprofundem as reflexões sobre tal associação. Freund e Martuccelli trabalham com uma perspectiva segundo a qual a violência física constitui uma forma que está à disposição de todos os grupos sociais, entretanto, aqueles que se encontram nos estratos mais elevados da sociedade privilegiam o uso da violência simbólica, dispondo inclusive de muitos mais recursos para a tal, inclusive com a possibilidade real de acessarem à justiça ou outras instâncias indiretas que lhes permitam resolver os conflitos por outros meios. Por outro lado, o grau mais elevado de escolaridade implicaria também numa maior capacidade de utilizar formas simbólicas para solucionar pendências. Aos grupos cujo acesso a esse “arsenal simbólico” é mais difícil, os conflitos físicos e diretos muitas vezes representam uma via possível e imediata para resolver suas diferenças. O fato de 65% dos casos de mortes registradas em 2009 em Campina Grande terem ocorrido em bairros da periferia é outra variável que aponta para a perspectiva defendida pelos autores acima citados e à qual nos associamos. Na mesma direção, não é de se estranhar que boa parte das vítimas não tivesse profissão ou desempenhasse funções para as quais não tiveram quase nenhuma formação.

No ano de 2010, embora os números sejam bem diferentes dos de 2009, os segmentos atingidos pelos homicídios não diferem. Das 187 vítimas deste ano, 108 ou 63% tinham entre 16 e 29 anos, mostrando que os jovens são as principais vítimas de homicídios na cidade de Campina Grande, o que provavelmente se explica por uma maior exposição à vida social e aos conflitos daí decorrentes. No que se refere à raça, uma vez mais a carnificina negra se confirma, de um total de 117 que tiveram a cor da pele identificada pelos legistas, 115 eram de negros (pardos e negros) ou 98%. Ostentando índices semelhantes, a categoria gênero aparece neste ano mostrando que 175 (93%) vítimas eram do sexo masculino. Quanto ao grau de escolaridade, das 114 pessoas que tiveram esse dado identificado, 90% delas não tinham completado o ensino

fundamental. Sobre a moradia, mais da metade das vítimas residia na periferia da cidade, onde também ocorreram os crimes. E, repete-se nesse ano configuração do ano anterior no que diz respeito à profissão dos vitimados.

Tomados na totalidade dos dois anos, vemos que 61% das vítimas tinham entre 16 e 29 anos. No tocante à categoria raça, 97% delas eram negras e 93% do sexo masculino. Já 88% não haviam concluído o ensino fundamental e mais da metade moravam nos bairros periféricos da cidade, exercendo profissões de baixa qualificação profissional. Se fôssemos apresentar um quadro sucinto, diríamos que as vítimas de homicídios na cidade de Campina Grande durante o biênio investigado são jovens negros do sexo masculino, pobres, semi-alfabetizados, moradores da periferia, que não tem profissão ou exercem funções pouco qualificadas. O que impressiona igualmente é que as armas de fogo foram utilizadas em 79% das mortes.

A pesquisa em tela revelou que embora o homicídio seja uma forma de violência que depende da vontade dos atores envolvidos em conflitos interpessoais de levarem às últimas consequências as disputas, ele atinge de forma recorrente indivíduos com características semelhantes.

Bibliografia:

- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- ELIAS. Nobert. **O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes**. Vol. I, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- FREUND. Julien. *Sociologie du Conflit*. Paris: PUF, 1983.
- GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. 3ª. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MAFFESOLI, Michel. **A violência Totalitária. Ensaio de antropologia política**, Porto Alegre, 2001.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Reflexões sobre a violência na condição moderna**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 11 (1), 157- 175, maio de 1999.
- MICHAUD. Yves. **A violência**. São Paulo: Editora Ática, 2001 (Série Fundamentos)
- NÓBREGA Jr. José Maria Pereira de. **Os homicídios no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco : dinâmica, relações de causalidade e políticas públicas** Recife: UFPE, 2010. 271 folhas (Tese de Doutorado em Ciência Política)
- WASELFSZ, J. J. **Mapa da Violência 2010**. Anatomia dos homicídios no Brasil, São Paulo: Instituto Sangari, 2010.
- WASELFSZ, J. J. **Mapa da Violência 2011**. Os jovens do Brasil, Brasília: Ministério da Justiça; São Paulo: Instituto Sangari, 2011.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª. Ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.